

RECEITAS DE OLHAR E CLASSIFICADOS POÉTICOS DE ROSEANA MURRAY SOB A PERSPECTIVA DO GÊNERO EM SEMIÓTICA

ROSEANA MURRAY'S RECEITAS DE OLHAR AND CLASSIFICADOS POÉTICOS FROM THE PERSPECTIVE OF GENRE IN SEMIOTICS

Ana Carolina de Picoli de Souza CRUZ¹

Resumo: Neste trabalho, analisamos dois poemas da autora Roseana Murray sob a perspectiva do gênero em semiótica. Um dos textos analisados é o poema *Receitas de olhar*; o segundo faz parte do livro *Classificados poéticos*. Nossa análise pauta-se na abordagem semiótica do gênero desenvolvida por Jacques Fontanille (2016), que se diferencia da concepção de que um gênero depende das noções de convenção e de tradição que supõem formas fixas. Essa concepção se afasta do discurso em ato, ou seja, com ela o destaque é dado ao caráter permanente dos gêneros, enquanto a visão de Fontanille foca na labilidade dos discursos. Desse modo, os poemas selecionados sugerem uma análise interessante sobre as dimensões da negociação entre tipos textuais e discursivos na origem de um dado gênero. Nosso intuito é apresentar essa abordagem dos gêneros como um instrumento que, além de marcar a diferença entre texto e discurso, destaca as propriedades textuais e discursivas que compõem cada gênero.

Palavras-chave: Semiótica discursiva. Gênero textual. Gênero discursivo. Educação.

¹ Doutora pela Unesp (Universidade Estadual Paulista). E-mail: anacarolpicoli@gmail.com

Abstract: In this work, we analyze two poems by the author Roseana Murray from the perspective of genre in semiotics. One of the analyzed texts is the poem *Receitas de olhar*; the second is part of the book *Classificados poéticos*. Our analysis is based on the semiotic approach to genre developed by Jacques Fontanille (2016), which differs from the conception that a genre depends on notions of convention and tradition that assume fixed forms. This conception moves away from the discourse in action, meaning that it emphasizes the permanent nature of genres, while Fontanille's view focuses on the lability of discourses. Thus, the selected poems suggest an interesting analysis of the dimensions of negotiation between textual and discursive types in the origin of a given genre. Our aim is to present this approach to genres as a tool that, not only marks the difference between text and discourse, but also highlights the textual and discursive properties that compose each genre.

Keywords: Discursive semiotics. Textual genre. Discursive genre. Education.

| Introdução

Neste trabalho, analisaremos dois poemas da autora Roseana Murray. Um deles compõe o livro *Receitas de olhar*, título também de um dos poemas que selecionamos. O segundo poema estudado faz parte do livro *Classificados poéticos*. De modo geral, o primeiro texto convoca a atenção do leitor, de maneira sensível, para as diferentes possibilidades de olhar nosso entorno e nossas experiências; o segundo poema também propõe uma percepção diferente do cotidiano. A diferença entre eles, no entanto, está na labilidade do discurso que, pensado como produto de uma enunciação particular, é capaz de manifestar-se por diferentes textos. No primeiro poema, como se verá nas linhas a seguir, a enunciação visa sensibilizar o enunciatário; no segundo, a enunciação solicita a adesão do enunciatário pela identificação.

Nossa análise está pautada na abordagem semiótica do gênero desenvolvida por Jacques Fontanille (2016), que se diferencia da concepção de que um gênero depende das noções de convenção e de tradição que supõem formas fixas. Essa concepção se afasta do discurso em ato, ou seja, com ela o destaque é dado ao caráter permanente dos gêneros, enquanto a visão de Fontanille foca na labilidade dos discursos. Para o semioticista, o gênero faz parte dos princípios que sustentam a produção e a interpretação dos textos que, conseqüentemente, organizam seus conteúdos.

Em consonância com o pensamento greimasiano, a abordagem fontanilliana concentra-se na relação entre texto e discurso ou, melhor dizendo, na ideia de que cada gênero apresenta em si propriedades textuais e discursivas. Para tecermos uma análise sobre gênero nessa perspectiva, é preciso, primeiro, diferenciarmos texto e discurso.

Para Fontanille (2016, p. 31), o discurso é o processo de significação: “o ato e o produto de uma enunciação particular e concretamente realizada”, já o texto é “a organização [...] dos elementos concretos que permitem expressar a significação do discurso”. Desse

modo, o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. Nas palavras de Fiorin (2012, p. 148): “O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele”. Portanto, um “mesmo” discurso pode manifestar-se por diferentes textos.

A perspectiva do discurso refere-se à construção gradativa das articulações semânticas mais simples até conjuntos de enunciados complexos; a perspectiva do texto examina como as regras condicionam a formação de um todo significante. A partir dessas afirmações, podemos concluir que um gênero seria a união de um tipo de texto e um tipo de discurso, os quais se entrecruzam pelas isotopias que fundam.

Como afirmam Schwartzmann e Portela (2012, p. 75-76):

É preciso, na verdade, entender como, no discurso em ato, sob o controle de uma enunciação, formam-se, misturam-se, organizam-se as isotopias em vários níveis de pertinência. Para isso, lembremos que é o discurso que permite ao texto a existência de uma significação intencional e coerente. Já o texto, enquanto “suporte” do discurso, apresenta-o ao leitor valendo-se de meios diversos, sejam convencionais ou inovadores. Isso permite que as formas textuais possam servir de base para qualquer tipo de manifestação discursiva coerente.

Para ter coerência, o discurso deve buscar uma “monoisotopia” e o texto pode apresentar-se sob uma forma “pluri-isotópica”.

A chave da teoria de Fontanille está na relação entre a coerência do discurso (que coloca um único universo de sentido) e a coesão do texto (organização e hierarquização dos segmentos textuais) que são reguladas pela congruência (um vestígio da enunciação responsável pelo efeito global de totalidade de sentido). Essas são as três dimensões da “negociação” entre tipos textuais e discursivos que originam um dado gênero (Cruz, 2021, p. 233).

A partir do exposto, os poemas de Murray selecionados para este estudo incitam uma análise interessante sobre gênero. No caso do livro das *Receitas de olhar*, os poemas possuem, no máximo, doze linhas cada um. Nele, encontramos textos estruturados em versos e estrofes, com uma linguagem poética rica em metáforas e, ao mesmo tempo, as características do tipo textual “receita” apresentado na organização sintática, própria à das receitas, pautada no modo de fazer e no uso de verbos no imperativo que cada um deles possui.

O mesmo ocorre com os *Classificados poéticos*, cuja estrutura sintática é própria à dos classificados de jornal. Nele, porém, temos um bom exemplo da superação da ambiguidade que a diferença entre tipos textuais e discursivos proporciona. Segundo Fontanille (2016, p. 215, tradução própria),

A distinção entre tipos textuais e tipos discursivos permite superar uma ambigüidade: fala-se correntemente da “novela” e do “novelesco”, da “tragédia” e do “trágico”, da “epopeia” e do “épico”; o nome designa um gênero, que associa as propriedades de um tipo textual e de um tipo discursivo; o adjetivo, eventualmente nominalizado, designa, por sua vez, unicamente o tipo discursivo, independentemente do tipo textual no qual se realize, e que, por isso, pode “contaminar” outros gêneros, combinando-se com outros tipos textuais. Nesse sentido, pode-se falar, então, da dimensão trágica de um poema, da dimensão épica de uma novela. Desse modo, o tipo discursivo projeta para fora de sua esfera genérica suas formas enunciativas, seus valores, e, inclusive, sua concepção de mundo e a forma de seu imaginário.²

Dessa maneira, questionamo-nos se nos dois poemas de Murray ocorre essa “contaminação” de que fala Fontanille ou há uma imbricação de gêneros? Qual o efeito de sentido gerado por essas escolhas do ator da enunciação? À luz da teoria semiótica sobre gêneros é que pretendemos responder a essas questões, lançando, talvez, uma nova perspectiva de possibilidades de trabalhos com essas obras da literatura infanto-juvenil.

| Tipos textuais e discursivos nas receitas e nos classificados de Roseana Murray

Fontanille (2016) afirma que os tipos textuais correspondem às características que apreendemos no plano de expressão. A coesão do tipo textual refere-se à articulação das partes de um texto entre si e diante de seu todo, sendo assim, para o semioticista devemos reter dos critérios textuais as formas seriais, o caráter isolável ou não de suas unidades constituintes e o modo como o tipo assegura ou recusa o fechamento e a homogeneidade do texto (2016, p. 210). Os tipos textuais podem, então:

De acordo com Fontanille (1999), os textos organizam-se em tipos textuais que podem ser classificados segundo estes critérios: como longos ou breves, que se relacionam à extensão da unidade de leitura, ao tempo da enunciação, à duração da história ou do acontecimento; como abertos ou fechados que correspondem

2 Texto em espanhol: “*La distinción entre tipos textuales y tipos discursivos permite superar una ambigüedad: se habla corrientemente de la “novela” y de lo “novelesco”, de la “tragedia” y de lo “trágico”, de la “epopeya” y de lo “épico”; el nombre designa un género, que asocia las propiedades de un tipo textual y de un tipo discursivo; el adjetivo, eventualmente nominalizado, designa, en cambio, únicamente el tipo discursivo, independientemente del tipo textual en el que se realice, y que, por ese hecho, puede “contaminar” a otros géneros, combinándose con otros tipos textuales. En ese sentido, se puede hablar entonces de la dimensión trágica de un poema, de la dimensión épica de una novela. De ese modo, el tipo discursivo proyecta fuera de su esfera genérica sus formas enunciativas, sus valores, e incluso su concepción del mundo y la forma de su imaginario*” (Fontanille, 2016, p. 215, grifo do autor).

à relação entre a unidade de leitura e a unidade de edição. Para o autor, a união desses critérios resulta nas seguintes propriedades textuais: a recursividade (se longo e aberto), o desdobramento (se longo e fechado), a fragmentação (se breve e aberto) e a concentração (se breve e fechado) (Câmara, 2019, p. 199).

Observemos os dois poemas de Murray:

Receita de olhar
nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol
faça do seu olhar imensa caravela (Murray, 1997, p. 44).

Troco um fusca branco
por um cavalo cor de vento
um cavalo mais veloz que o meu pensamento.
Quero que ele me leve pra bem longe
e que galope ao deus-dará
que já me cansei deste engarrafamento... (Murray, 2004, p. 27)

Segundo Fontanille, a concentração é a propriedade dos gêneros de, em um espaço muito reduzido, apresentar o essencial de sua proposta, como no caso das máximas ou dos sonetos. No caso da receita, a brevidade da enunciação aliada à força poética das figuras sinestésicas apresenta um valor deôntico não só para o /dever-fazer/, mas também para o /querer-fazer/. Se o /dever/ é dado pelo uso das formas verbais no imperativo (“desamarre”, “deixe”, “derrame”, “faça”), o /querer/ é realçado pelo caráter poético adotado que visa convencer o enunciatário a se reinventar. O jogo sonoro entre “desamarrar” e “derramar”; a metáfora construída sobre um paradoxo que inclui e exclui, ao mesmo tempo, “todas” e “belas”; a personificação da terra pelo uso do verbo “acordar” e a sinestesia dos “acordes de sol” evocam os sentidos do leitor para a manhã que está se construindo. A última estrofe da “receita” retoma o tom do /dever-fazer/ que, no entanto, diz respeito à abertura do ser para descobertas, posto que uma das definições para o vocábulo “caravelas” é justamente:

caravela. [*Dim. de cárvavo.*] S. f. **1.** Ant. Navio de casco alteroso à popa e baixo a vante, de boca aberta ou coberta, aparelhado com um a quatro mastros de velas bastardas, e armado com até 18 peças de artilharia. [Algumas tinham velas

redondas no mastro de vante. Foram navios, por excelência, dos descobrimentos marítimos portugueses dos sécs. XV e XVI]. **2.** Antiga moeda de prata [...] (Ferreira, 1986, p. 350).

No caso do classificado poético, o tipo textual também é concentrado, ou seja, breve e fechado. Mas a essencialidade apresentada no espaço reduzido possui um caráter mais lúdico e voltado a situações cotidianas de quem vive nos grandes centros urbanos, por isso nossa afirmação sobre a identificação entre enunciador e enunciatário. A ideia da troca do carro por um cavalo remete à oposição espacial cidade vs. campo, ou ao abandono do estresse causado pelo engarrafamento. As rimas simples e a figuratividade, senão lúdica, ao menos descompromissada (“fusca branco”, “cavalo cor de vento”, “mais veloz que o meu pensamento”, “que galope ao deus-dará”) reiteram o desejo de fugir de onde se está e podem, ainda, ser lidas como a oposição, finalmente entre liberdade e opressão.

O classificado apresenta uma enunciação enunciativa (eu-aqui-agora), ou seja, o enunciador assume sua posição no enunciado e cria como que um desabafo. A brevidade, nesse caso, reitera a pressa e o desejo enunciados de não estar preso, muito mais que no trânsito, na vida moderna.

Em relação aos tipos de discurso, eles dizem respeito ao plano de conteúdo e são caracterizados por sua coerência. Dito isso, há dois critérios para defini-los: as modalidades de enunciação e as axiologias. O primeiro critério refere-se aos contratos entre os sujeitos da enunciação, os tipos de linguagem e as modalizações dominantes sob a perspectiva pragmática; as axiologias tratam dos valores propostos, suas condições de atualização e seu reconhecimento no discurso.

Em relação às modalizações dominantes, Fontanille (2016, p. 212) apresenta o seguinte quadro:

Quadro 1 – Modalizações dominantes

	<i>Creencias</i>	<i>Motivacions</i>	<i>Aptitudes</i>	<i>Efectuaciones</i>	
2 actantes	CREER	Asumir	Querer	Saber	Ser
3 actantes		Adherir	Deber	Poder	Hacer

Fonte: Fontanille (2016, p. 212)

Em relação aos atos de linguagem, o quadro que ele propõe é:

Quadro 2 – Atos de linguagem

<i>Asumir y adherir</i>	<i>Querer y deber</i>	<i>Saber y poder</i>	<i>Ser y hacer</i>
Persuadir	Incitar	Habilitar	Realizar

Fonte: Fontanille (2016, p. 212)

A partir disso, o semioticista apresenta quatro tipos de discursos: os prescritivos, incitativos, de habilitação e de realização, os quais, a depender da modalização dominante, podem apresentar subtipos.

No que tange aos valores, é preciso considerar, ainda segundo Fontanille (2016, p. 212-213), a intensidade da adesão dos sujeitos ou as reações que a exposição a esses valores pode suscitar aliada à extensão ou número de manifestações concretas dos valores no discurso. O quadro a seguir apresenta as possibilidades de combinações:

Quadro 3 – Tipologia de discursos

		<i>Intensidad de la adhesión</i>	
		<i>Fuerte</i>	<i>Débil</i>
<i>Extensión y Cantidad</i>	Restringida	Valores exclusivos	Valores discretos
	Importante	Valores participativos	Valores difundidos

Fonte: Fontanille (2016, p. 213)

De acordo com esses critérios, temos os discursos que trazem em si valores exclusivos, que valorizam uma temática, uma figura e uma atitude específica, como o discurso moralista e o militante. Eles caminham na direção dos valores absolutos. Há os discursos de valores discretos que tendem à nulidade, por serem pouco abrangentes e enfraquecerem valores “convenientes”, como os discursos humorísticos ou do absurdo. Os discursos de valores participativos são os que apresentam a máxima projeção de todos os valores no discurso, como o discurso romanesco de modo geral. Finalmente, os discursos difusos são tão onipresentes quanto os participativos, mas possuem fraca taxa de adesão, são discursos pouco assumidos que asseguram, porém, grande difusão de valores como a ficção realista, por exemplo. Já definimos os tipos textuais dos poemas de Murray. Tratemos de analisar os tipos discursivos de cada um.

Segundo Fontanille (2016, p. 220, tradução própria), “[...] enunciar uma receita é propor um programa de ação a fim de instalar um /saber-fazer/”³. Afirma, ainda, que se trata de um ato de linguagem em que o destinador participa na definição do contrato. Em “Receita de olhar”, temos uma manipulação que, por meio do uso do imperativo e da

3 No original: “[...] enunciar una receta es proponer un programa de acción a fin de instalar un saber hacer”.

habilitação pelo /saber/, visa à adesão do enunciatário pelo /fazer-fazer/. O que está em jogo são valores com teor de absolutos, ou valores exclusivos, pois a ideia é a de que o leitor veja e leia o mundo a partir da perspectiva do enunciador, ainda que esse “olhar” seja poetizado em relação à vida e, nesse caso, a poesia também se torna um elemento de manipulação por apresentar “o belo”, evidenciando os valores estéticos presentes na receita. Isso nos permite, portanto, abordar a dimensão poética da receita de Murray, em que o substantivo indica o tipo textual e o adjetivo aponta o tipo discursivo.

Essa é a estratégia do discurso adotada na “Receita de olhar”: o que parece, em um primeiro momento uma imbricação de gêneros, revela-se como estratégia discursiva que ressalta o valor estético da vida e na vida. De acordo com a abordagem semiótica sobre os gêneros, trata-se da congruência: a dimensão que regula a coesão e a coerência na negociação entre tipos textuais e discursivos. Ela é o traço da enunciação, instância responsável pela reunião do texto e do discurso. A congruência, por permitir que diversos domínios de pertinência se superponham em uma determinada semiótica-objeto, é responsável pelo efeito global totalizante; ela resolve as heterogeneidades dos tipos textuais e dos tipos discursivos.

Passemos à análise do classificado poético, cujo próprio nome já aponta para o tipo textual (um classificado) e o tipo discursivo (poético), revelando a congruência entre eles, ou seja, ela é capaz de agrupar as diferenças entre o tipo textual e o tipo discursivo garantindo-lhes o efeito de sentido. Nesse gênero, notamos a modalização dominante do /querer/ que remete ao discurso incitativo e aos valores participativos, visto que há uma alta projeção deles no discurso. O tom de desabafo e a crítica à correria exigida pela vida moderna garantem a extensão de seu campo de aplicação; o tema do esgotamento psicológico e as figuras já citadas (“fusca branco”, “cavalo cor de vento”, “mais veloz que o meu pensamento”, “que galope ao deus-dará”) que trazem a leveza da ludicidade solicitam a atenção (e até mesmo a identificação) do leitor. Destaque-se, ainda, a euforização do espaço do campo e a disforização do espaço exaustivo da cidade, o que nos permite afirmar que há, no nível fundamental, a oposição natureza vs. cultura.

A partir da teoria de Fontanille, é possível apreendermos os gêneros sem perdermos de vista o texto e o discurso e, mais ainda, diferenciando um do outro. Como afirmam Schwartzmann e Portela (2012, p. 93):

A proposta de J. Fontanille de encarar o gênero como a interseção congruente de tipos textuais e discursivos parece apresentar um grande valor heurístico, pois pode ser amplamente aplicada e orientada à luz de modelos teóricos que descrevem fenômenos mais abrangentes como a práxis enunciativa, a presença, os regimes de interação, as operações da gramática tensiva etc.

Esse valor heurístico pode ser levado para as escolas e integrado às práticas didáticas, uma vez que visam contribuir com olhar mais amplo sobre a questão dos gêneros (tanto para o professor, quanto para o estudante), bem como promover a reflexão necessária

sobre os discursos que circulam nas entrelinhas de textos que, muitas vezes, são lidos de maneira superficial e ingênua.

Receitas, classificados e práticas

Nos textos de Roseana Murray, observamos uma inovação de classes de textos e de discursos a partir de escolhas enunciativas. Desse modo, apoiados em Fontanille (2016) – para quem cada gênero participa de um esquema pancrônico que respeita e revela a época e o espaço em que circula – podemos inferir que as receitas e os classificados poéticos são frutos de um momento em que é preciso resgatar o “belo” ou, ao menos, saber encontrá-lo no cotidiano. Para isso, nada melhor que o discurso literário.

Além dessas considerações, Fontanille (2014), ao tratar das questões dos níveis de pertinência, apresenta-nos reflexões sobre a produção e a circulação de determinados textos em um dado universo socioletal, principalmente ao falarmos de objeto-suporte e de cena predicativa. Não trataremos de todos os níveis propostos pelo semiótico, apenas os citados, visto que estão em relação direta com os gêneros, como veremos a seguir (Fontanille, 2014, p. 82):

Quadro 4 – Relação entre gêneros e planos de imanência

Textos-enunciados	Gêneros ↑	Propiedades textuales genéricas ↓
Objetos-soportes	Tipo de soporte formal	Propriedades morfológicas genéricas
Escenas prácticas	↑ Tipo de práctica	↓ Instrucciones de explotación

Fonte: Fontanille (2014, p. 82)

A primeira e a segunda colunas trazem as instâncias formais, em relação de integração descendente (do tipo de prática ao gênero, tendo o objeto-suporte como mediador); a terceira coluna, em integração ascendente, obedece

[...] a um princípio do percurso gerativo da expressão que estabelece que cada nível {N} anterior oferece propriedades sensível e material ao nível posterior {N+1}, vemos que as propriedades textuais genéricas (tipos de textos e discursos que produzem a congruência do gênero) selecionam propriedades morfológicas do objeto-suporte, limitam o número e fornecem o modo das instruções de exploração, estas definidas como o conjunto de instruções que permitem compreender a prática e colocá-la em funcionamento (Schwartzmann; Portela, 2012, p. 85).

O primeiro ponto, então, é que podemos pensar que as receitas e os classificados poéticos servem, no mínimo, a duas práticas recorrentes: à prática de leitura de fruição e à prática educacional. Cada uma delas participa de uma cena predicativa diferente.

A leitura de fruição serve a uma prática do deleitar-se, do entreter-se, do conhecer e até do refletir a depender do tipo de leitor e do tipo de suporte. Supondo o objeto-suporte livro, teríamos uma tendência maior à instrução de leitura linear e total dada pela convenção social (ler página por página, da esquerda para a direita, leitura completa da obra etc.). Mas, tanto no caso dos classificados, quanto no das receitas poéticas, esses textos podem ser isolados no momento da leitura. Se o objeto-suporte fosse digital (*site, blog, por exemplo*), teríamos uma leitura não linear, ainda predicada pela fruição, mas cujas propriedades morfológicas do suporte permitiriam muitas maneiras de ler. Nosso objetivo neste trabalho é apenas apresentar a relevante contribuição da teoria dos níveis de pertinência a um estudo sobre os gêneros. Sendo assim, estamos apenas trabalhando com hipóteses a fim de tentarmos exemplificar essa contribuição, desse modo, não nos deteremos na análise dos objetos-suporte citados.

Em relação à prática educacional, geralmente, ela pressupõe livros, sala de aula, textos em folhas avulsas de atividades complementares, por exemplo, ou mesmo avaliações. Quando tirados de seu objeto-suporte original, apesar de ainda fazerem parte de uma prática didática, a leitura das receitas e dos classificados poéticos distancia-se um pouco da totalidade de seus discursos, porque incorpora propriedades genéricas do novo suporte em que se encontra e, ao mesmo tempo, perde aquelas de seu objeto-suporte original. Ler a receita ou o classificado no objeto-suporte livro (seja ele o livro didático ou o paradidático) estabelece modos diferentes de ler os mesmos textos em uma atividade em grupo ou em uma avaliação, por exemplo. Essa noção abre um campo de possibilidades para a prática didática. Primeiro, a da importância de se resgatar, explicitar, apresentar, tornar conhecido ao estudante o suporte original de onde se retirou a receita ou o classificado poético – assim como qualquer outro texto; em segundo lugar, a necessidade de se ter consciência de que a depender da prática didático-pedagógica em que um determinado texto está inserido, sua interpretação poderá ser alterada.

Se estivéssemos tratando de um anúncio publicitário, o mesmo ocorreria. Trazer para a cena da sala de aula a cena predicativa em que o gênero trabalhado está inserido auxilia o estudante a compreender não apenas a função social da língua (expressão muito utilizada no meio pedagógico), mas, principalmente, buscar entender as estratégias discursivas utilizadas em uma dada produção, por exemplo.

Dentre os aspectos relevantes do estudo da integração entre gêneros e práticas sob a perspectiva semiótica, ressaltamos a possível contribuição à subprática didática – no sentido de que ela faz parte de uma prática mais abrangente – que é a da mediação de que nos fala Vygotsky (*apud* Oliveira, 2002, p. 26). Para ele, a mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário em uma relação, essa passa a ser mediada

por esse elemento. A linguagem é, por excelência, mediadora na relação do homem com o mundo. A mediação do professor, portanto, estaria pautada não apenas na linguagem, no seu conhecimento de mundo, mas nas proposições que faz aos estudantes, possibilitando-lhes ou não autonomia, reflexão e criticidade.

| Conclusão

A concepção de gênero que circula majoritariamente na área educacional (em documentos oficiais, em livros didáticos e em sala de aula) pauta-se em noções de convenção e de tradição que supõem formas fixas. Essa concepção se afasta do discurso em ato, ou seja, com ela o destaque é dado ao caráter permanente dos gêneros. Fiorin (1990, p. 97) já nos apontava a relevância de repensarmos a questão dos gêneros:

A constelação tipológica que constitui o gênero é social. Varia, portanto, de época para época. O que numa época era considerado discurso científico pode não ser mais classificado assim. Os critérios de classificação pertencem à natureza da linguagem. Os gêneros são arranjos que dependem de fatores sociais, ou seja, dos efeitos de sentido valorizados num certo domínio por uma dada formação social.

Uma tipologia calcada nas teorias do discurso não pretende constituir uma norma, mas, ao contrário, quer mostrar quais os mecanismos que geram os diferentes tipos de discursos sociais: o científico, o didático, o religioso, o político etc.

Em consonância com o semiótico brasileiro e a partir da grande inserção das mídias sociais na vida cotidiana não apenas dos estudantes, mas da sociedade em geral, bem como da utilização de novas tecnologias e diferentes recursos para criação de textos, fica clara a necessidade de repensarmos a questão dos gêneros e, principalmente, o ensino deles. Tentamos mostrar como a abordagem semiótica dos gêneros pode ampliar o entendimento a respeito deles, e, ao mesmo tempo, aguçar nossas perspectivas para os conceitos de texto e de discurso (assim como para o ensino deles).

Ao analisarmos os tipos discursivos presentes nos textos selecionados, observamos que as estratégias discursivas utilizadas visam levar todo e qualquer leitor a aderir ao modo de olhar o mundo do enunciador (no caso das receitas) ou, ao menos, identificar-se com ele (no caso dos classificados). Ressaltamos, assim, a importância dos estudos sobre enunciação para a ampliação dos trabalhos de leitura e produção de diferentes gêneros. Os mecanismos de enunciação, os vestígios que ela deixa ou não nos enunciados, podem (e devem) ser usados como fontes de reflexão para a interpretação dos mais variados textos, pois eles nos permitem mergulhar nos universos de significação realizados em textos, como também criar tantos outros.

Olhar para um texto, reparar em seus detalhes a fim de analisá-lo em profundidade é o que a teoria semiótica pode oferecer a quem dela se aproximar.

| Referências

- CÂMARA, N. S. Enunciação e práticas educativas digitais: um estudo da multiplataforma Hora do ENEM. *Revista do GEL*, v. 16, n. 3, p. 191-206, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 21 set. 2024.
- CRUZ, A. C. de P. de S. Dois poemas de Roseana Murray na perspectiva do gênero em semiótica e das práticas semióticas. *Caderno de resumos 68º Seminário do Gel*. Araraquara: Letraria, 2021.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. 11. impr. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, s/d.
- FIORIN, J. L. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v. 17, n. 8-9, p. 91-98, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1990.65501>. Acesso em: 28 out. 2021.
- FIORIN, J. L. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.
- FONTANILLE, J. *Semiótica y literatura: ensayos de método*. Tradução de Desiderio Blanco. 1. ed. Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial, 2012 [2016].
- FONTANILLE, J. *Prácticas semióticas*. Tradução Desidério Blanco. 1. ed. Lima: Universidad de Lima: Fondo Editorial, 2014.
- MURRAY, R. *Receitas de olhar*. São Paulo, FTD, 1997.
- MURRAY, R. *Classificados poéticos*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2004.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- SCHWARTZMANN, M. N.; PORTELA, J. C. A noção de gênero em semiótica. In: PORTELA, J. C., BEVIDAS, W.; LOPES, I. C.; SCHWARTZMANN, M. N. (org.). *Semiótica: identidades e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-98.

Como citar este trabalho:

CRUZ, Ana Carolina de Picoli de Souza. *Receitas de olhar e Classificados poéticos* de Roseana Murray sob a perspectiva do gênero em semiótica. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 73-85, dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v17i2.19695>.